

menção honrosa - 3º lugar

Pseudônimo: [ã.ª.º]

Narcole

Aloisio Andrade
Graduando em Letras

– Mas isso é um absurdo – ela se mostrou inconformada, seu equilíbrio surpreendido – Prefiro acreditar que você está fazendo hora com a minha cara.

– O que há de mal em reaproveitar os textos dele? – ele perguntou mantendo a serenidade pousada nas sobranceiras.

– Mas é o velho que os escreve. Os textos são dele – apesar de desconcertada ela ainda conseguia admirar seu perfil encoberto na penumbra – Mas por que ele os joga no lixo?

– Esquece isso.

Ele estendeu os braços compridos e estufou o peito para recebê-la. Enquanto mordiscava lentamente seus lábios finos, massageava e puxava os cabelos de sua nuca. Ela envolvia-o com os braços finos e passava as pontas dos dedos nas suas costas. Às vezes apertava-o forte e arranhava sua pele quando sentia o cheiro do suor impregnado na barba rala que encobria sua melancolia. Ele aspirava o cheiro de incenso dos cabelos dela: chegavam até o pescoço, curtos e verdadeiros, loiros descoloridos quase brancos e com algumas mexas púrpuras.

– Será que o velho desconfia? E o pessoal do jornal? – ela afastou-se um pouco dos afagos e da barba.

– Ninguém desconfia. Não há porque duvidar que os textos sejam meus. Reescrevo-os, emendo-os, conserto-os, ou só troco a pontuação, algumas palavras. Varia muito – ele se dirigiu até o telefone.

– Todo dia então você revira o lixo do velho?

– Todo dia. Espero a madrugada, ninguém fica no corredor, tranqüilo demais. Vou pedir uma pizza, qual sabor você prefere?

– Quatro queijos ou calabresa – ela tirou o maço de cigarros da bolsa e se encostou no peitoral da janela. O brilho da lua minguante competia com as partículas da iluminação pública que alcançavam o vigésimo andar. Mesmo na escuridão do quarto seu corpo não se atrapalhava com a sensualidade dos seus seios pequenos – Por que você está me contando isso tudo agora?

· Vou pedir então metade quatro queijos e metade calabresa.

– Ótimo – soltou a fumaça bem devagar e bebeu o resto do vinho branco que incomodava sua taça – Me diz, por que só agora você está me contando?

Ele abriu a terceira garrafa de vinho e encheu as taças. Sentou-se na cama e saboreou a saliva produzida pela secura da bebida. Deu mais um gole, esvaziou sua taça e encheu-a novamente:

– Há cinco anos eu publico os textos no jornal e com a grana que ganho consigo me sustentar. Há cinco anos eu reaproveito os textos do velho, mas não me sinto culpado. Ele talvez não tenha consciência de como seus textos são bons. Eu tenho e por isso me utilizo deles. Nunca contei para ninguém e a primeira pessoa a saber é você. Não é culpa, arrependimento, só precisava contar para alguém. Tornar isso real, palpável.

Ela sentia um calor na parte interna das coxas, o vinho atiçava seu amor e causava um alvoroço interno que arrepiava todos os seus pêlos. Ele foi até a cozinha e ela aproveitou para acomodar-se na cama entre os lençóis finos e anestesiados. Sua respiração acompanhava o pulsar simétrico da escuridão, seus olhos procuravam o prazer, seus ouvidos distinguiam a cidade mais viva que nunca a uma hora da madrugada.

Os passos que vinham da cozinha pararam à beira da cama. Ele escorregou suas mãos pelas coxas grossas e pela barriga dela. Ela sentia a língua agressiva dele se revirando dentro de sua boca e uma dor crescente, algo apertando-lhe o braço um pouco acima do cotovelo. Ele conseguiu acertar a agulha na veia que despontava do seu braço inerte.

Os lençóis embalavam o corpo da garota. A escuridão transformara-se em dormência e seu olhar apático não respondia mais a nenhum sobressalto de sua carne. Ele jogou a injeção longe e encheu mais uma taça de vinho. Um

pouco afastado, contemplava a falta de brilho e movimentos que se repovam em sua cama. Chegou até a janela e abriu-a totalmente. Ergueu com dificuldade o corpo embebido em morfina e, sem olhar para baixo, atirou-o para fora.

A garota caía em câmera lenta como se a gravidade se rendesse à narcose do seu coração. O vento circundava seus braços e pernas e revolia suas mechas púrpuras. Suas costas ardiam mas ela conseguiu se virar com esforço e esticar seus membros. Percorreu-a toda um desvario em forma de solução, os ossos de sua costela tremiam. Duas longas asas negras rasgaram sua pele e começaram a se agitar naquele ar convulso. Sua inconsciência voava tangendo os prédios em direção às escuras nuvens que sustentavam o assombro da noite.

Da beirada de sua janela, ele admirava o irrealizável com os cotovelos apoiados no parapeito e uma mão no queixo. Da cozinha vinha o barulho do interfone. Provavelmente o porteiro avisando que o entregador chegara com sua pizza.